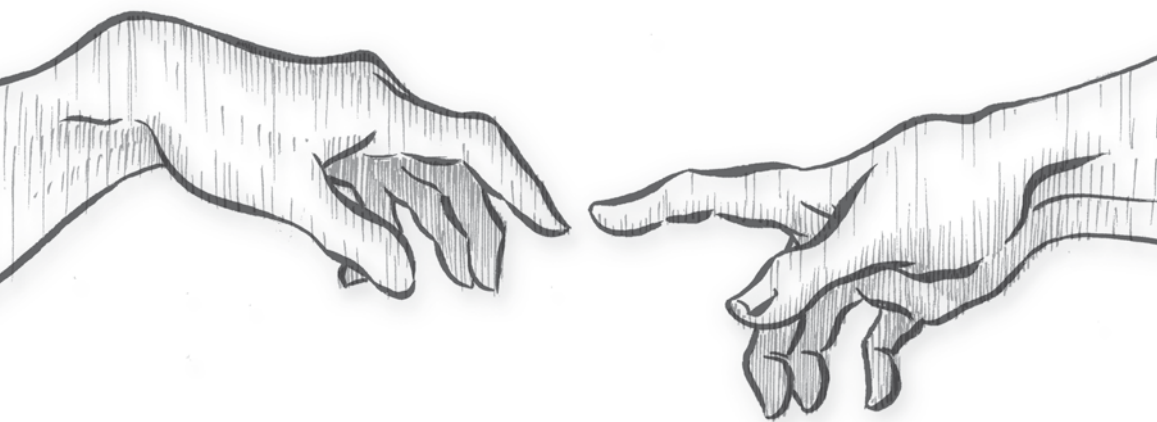


· Amadeu Baptista ·

Sistina



1

ÁDITO

ARQUITECTURA

Estas paredes levantam-se para o céu
para que a casa de Deus tenha as medidas
da Sua onipotência
e seja o templo alicerçado nas alturas,
entre as nuvens e o silêncio,
entre a pálpebra azul do firmamento,
e um rarefeito cômputo de passos,
porventura de homens, porventura
do que do divino aos homens
se aproxima, e os cinge
à Sua imagem e semelhança,
haja ou não haja remissão ou indulgência.

O céu é indiviso, e indivisas as luzes,
os seus enigmas, a sua arquitectura.
E monolíticos são os arcos que o suportam,
as suas sombras e anjos,
o seu farfalhar magnífico e aterrador,
sob o qual tudo arde, de repente,
sobrevindo ao infinito da casa,
na sempre eterna solidão salvífica
o princípio de tudo e o seu fim.

É esta casa ampla, como é amplo
Deus, e onipotente, tal como serão
os homens que O olham desde o chão,
de súbito altíssimos, mas prenhes
de humildade e indefesos, inacabados,
assim que a Sua voz lhes sulca
o coração, ou Deus prolonga o silêncio
no Seu verbo, que os calcina.

Felizes os cativos, felizes
os que se devotam aos rumores do templo,
felizes os que põem as mãos na sua ara,
os que confrontam a matéria
e pelo sonho aguardam, os que fendem
a terra e colocam pedras nos Seus furos,
e amassam nas mãos o Seu cimento,
a Sua argila cálida, a Sua água ardente,
o Seu fermento. Felizes os que levantam
andaimes nas paredes, os que usam
a roldana, a grua, o cabrestante, felizes
os que suam, os que usam vigas de cedro
na casa do Senhor, e Lhe propõem
um tecto e uma cama, e lhe dão uma porta
para que nunca parta.

É esta casa alta porque ao cimo
se constroem as casas onde Deus mora,
onde vivem os vivos que imploram
que ao seu templo se una outro templo
mais afeito à claridade que aos enigmas,
fulgente, porque nele embebe Deus
os homens em sabedoria, enquanto
ao seu redor as calamidades grassam
e os profetas erguem ao sol as suas mãos
secas como palha e escutam trombetas
no deserto, sangrando dos ouvidos,
e balbuciam a vinda do que há-de vir
e em Jerusalém, pressagiam, será o templo
caído e levantado num pestanejar.

Felizes os que sabem escutar os rumores
do templo, os que sobem escadas,
os que gizam esboços, os que preparam
as tábuas, e os que talham arestas,
os que abrem compassos e adestram réguas,
os que moldam o ferro, os que manejam
garlopas, e goivas, e espátulas,
os que afinam o gesso, os que limpam
as pedras, e os que carregam baldes,
e carros, e mosaicos,

e blocos de mármore, e gamelas
de reboco, e os que afagam soalhos,
e aplicam ladrilhos, e os que apertam os tornos,
os que puxam o fogo e instalam as águas,
os que estabelecem as cordas
e, no estaleiro, dormem ao relento,
os que debuxam, os que montam,
os que revestem, os que limpam,
os que vazam, os que cozinham, os que rebitam,
os que laminam, os que esculpem,
e os que rezam no fim, pela obra feita.

É esta casa o esplendor de Deus, lugar
de guardar as arcas e os mistérios,
e de recolher os homens
e os clarões que o escuro desvanece,
a casa onde as sombras iluminam
por intervenção divina,
e se abriga a paz que há-de reinar para todo o sempre,
porque é próprio da paz poder reinar,
mesmo que Sisto IV no templo se reveja
como Deus proibiu, tal como a David
proibiu Deus de construir na eira, porque
era esse um lugar sangrento
e só Deus sabe o preço que há no sangue,

o tanto que o sangue subverte,
o nosso sangue,
o sangue das ovelhas e dos pastores,
o sangue dos canteiros e dos pintores,
o sangue dos que sofrem e dos pacíficos.

Ah, felizes os que sabem escutar os rumores
do templo, sob a espessa pálpebra do firmamento.

2.1

**SISTINA
(PAREDE DA ALA ESQUERDA)**

PINTURICCHIO: MOISÉS A CAMINHO DO EGIPTO E A CIRCUNCISÃO DE SEUS FILHOS

Podemos escrever na terra, meus filhos, mas não conseguiremos
ler o que fica escrito, seja pelo ímpeto do vento que tudo desconcerta,
seja pela ínvia escuridão que sobre as nossas cabeças paira e ameaça,
como se não fôssemos nós também escuridão
e à nossa treva não correspondesse outro poder que não sabemos
distinguir e não sabemos de onde vem.

Por isso, convém que armemos o corpo de jurisdições ocultas,
de incisões na carne,
de voltas no prepúcio,
para que esteja em nós a voz dos antepassados
e o nosso rogo vá pelas várzeas e vá pelo deserto
dizer como não temos
como entender a nossa linguagem
e que ignoramos o que seja
a sarça ardente e o seu triunfo.

Ajoelhemos, meus filhos, mas não nos prostremos
nesta cúpula de fogo,
neste incêndio que reclama a nossa boca,
neste incenso combusto por uma ordem só de expectativas,
a anunciar-nos como,
e quando,
e onde

se produzirá o milagre,
sem que a ele possamos aceder,
sem que lhe chamemos nosso,
sem que ao nosso sangue aceda a clareza
que há nas promessas
e no céu se alicerçam.

Mas, sim, cumpramos os rituais que nos defendem,
sangremos a glande,
extirpemos a pele que nos molesta,
 façamos o que a outros vimos nós fazer,
para que seja maior o nosso arco
e mais potentes
as nossas vacilações e decisões.

Na terra prometida está o leite e o mel
com que sonhamos,
mas há-de ser por nós e o nosso vezo
que ascenderemos ao divino
e letra a letra de nós mesmos diremos
de onde vimos e para onde vamos,
soem ou não soem as trombetas,
possamos nós, ou não,
vencer o que mitiga a nossa humanidade

e nos faz párias
e nos obriga, ainda, a que deambulemos sob o irrestrito solo
das inquietações,
a caminho do Egito,
ou dele regressando.

Agora, neste sítio, onde há explosões de silêncio
e clarões inexplicáveis no horizonte,
agora que escrevemos na terra mas não conseguimos
ler o que fica escrito,
de nós só restará a nossa força,
solene ou não,
a nossa força de homens destinados a seguir em frente
para que não haja mais deserto nos nossos passos
e os nossos sonhos sejam quem nós somos
neste castigo de não sabermos nunca
o que nos domina, e expurga, e ofende.

Deus já fez de nós praga bastante,
obrigando-nos à viagem, ao exílio e à desgraça,
à desventura de, em terra bárbara, não sermos mais que bárbaros
que ao céu invocam alguma paz,
algum plano que nos faça livres,
sem dano nem vinganças,
sem terror.

Por isso, é assim que somos
e o nosso rosto sangra,
e estão os olhos cegos dessa luz que nos atinge,
e nos diz o silêncio que redime.

Por essa luz é que aqui viemos
e se há-de abrir o mar para que passemos,
e se aproximará de nós a morte a reclamar-nos,
e não aguentaremos o degredo,
e às tribos será imposta a peregrinação,
e estamos sempre como que perdidos entre a exaltação
e o bezerro de ouro,
entre o louvor e a comiseração,
o medo e a agitação de um êxodo que nunca mais acaba,
ou só acabará se nós morrermos.

Mas, sim, cumpramos os rituais
que nos defendem,
que somos nós, assim, o sacrifício
e o que lemos não o conseguiremos ler,
se na terra fica.

“

Ler nos sonhos, ler na planície dura.
Ler o que fazem os reis que assassinam
e os que assassinam os reis. Ler os impérios, ler.
E ler, de novo, e sempre,
para que tudo se renove na leitura
e seja o livro outro, e os seus enredos.

”

...

Um dos grandes líricos da sua geração.

António Franco Alexandre